CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LETRAS
VESPERTINO – 8º PERÍODO

ATA DE SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro (24) dias do mês de fevereiro (02) do ano de dois mil e vinte e quatro (2024), precisamente às dez horas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – UEA, localizado à Avenida da Amizade, 74- Centro, no município de Tabatinga/AM, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras – Regulamento do TCC, reuniram-se os acadêmicos do Curso de Letras – 8º período – vespertino, para a SOCIALIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO, NA VERSÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO, avaliados pela professora da disciplina, Prof. Dr. Gabriela Fernandes de Carvalho, juntamente com os membros da Banca Examinadora, conforme composição transcrita abaixo, bem como a nota final do trabalho.

Tabatinga, 24 de fevereiro de 2023.

ACADÊMICO	NOTA DOS AVALIADORES			NOTA FINAL
	AVAL.01	AVAL.02	AVAL.03	+==/3
Viktória da Costa	9,0	9,5	10.0	9,5

Viktória da Costa Silva

Viktória da Costa e Silva
(Acadêmica)

Gabriela Fernandes

Prof Drª Gabriela Fernandes
(Orientadora)

Tadeu da Silva Macedo

Prof Tadeu Macedo (Avaliador 01)

Katiane Martins de Oliveira

Prof Katiane Martins (Avaliador 02)

Digitalizado com CamScanner

NA FRENTE E POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA LEITURA DAS FORMAS DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA EM MEDIDA PROVISÓRIA, DE LÁZARO RAMOS.

Viktória da Costa Silva[1] – CESTB/UEA

Prof Dr Gabriela Fernandes (orientadora)

Resumo: O presente trabalho visa analisar formas de resistência e existência utilizadas por corpos negros face à sociedade racista no filme afrofuturístico *Medida Provisória (2022)*, de Lázaro Ramos. A narrativa fílmica será lida tanto a partir de teorias do cinema e especialistas do ramo cinematográfico, como Jeferson De e Viviane Ferreira, quanto pela perspectiva dos estudiosos das narrativas que envolvem povos africanos e afro-brasileiros, como Ale Santos, Laurentino Gomes, Abdias do Nascimento e Franz Fanon. Pretende-se compreender a maneira como a obra fílmica constitui um meio de trazer à tona vivências negras, evidenciando que, em diversos momentos históricos, resistir era e é a única alternativa que essas pessoas possuem para conseguir existir em um mundo dominado pela raça branca. Buscando entender essas formas de resistência, analisaremos dois movimentos principais: a criação/utilização de *afrobunker* (quilombos pós-modernos), e da tomada do protagonismo negro tanto na ficção quanto na produção do filme, através da direção negra de Lázaro Ramos. Para isso, utilizaremos recortes de cenas do filme, analisando, a partir da perspectiva das interartes, as múltiplas significações presentes na narrativa.

Palavras-Chave: Resistência; Existência; Afrofuturismo; Protagonismo negro.

Riepilogo: Il presente lavoro si propone di analizzare le forme di resistenza e di esistenza utilizzate dai corpi neri di fronte alla società razzista nel film afrofuturistico Medida Provisória (2022), di Lázaro Ramos. La narrazione filmica sarà letta sia da teorie cinematografiche e specialisti in campo cinematografico, come Jeferson De e Viviane Ferreira, sia dal punto di vista di studiosi di narrazioni che coinvolgono popoli africani e afro-brasiliani, come Ale Santos, Laurentino Gomes, Abdias do Nascimento e Frantz Fanon. Si intende comprendere il modo in cui l'opera filmica costituisce un mezzo per portare alla luce le esperienze dei neri, mostrando che, in diversi momenti storici, resistere era ed è l'unica alternativa che queste persone hanno per poter esistere in un mondo dominato dalla razza bianca. Cercando di comprendere queste forme di resistenza, analizzeremo due movimenti principali: la creazione/uso dell'afrobunker (quilombos postmoderni), e l'assunzione del protagonismo nero sia nella finzione che nella produzione del film, attraverso la regia nera di Lázaro Ramos. Per questo, utilizzeremo spezzoni di scene del film, analizzando, dal punto di vista delle interarti, i molteplici significati presenti nella narrazione.

Parole chiave: Resistenza; Esistenza; Afrofuturismo; Protagonismo nero.

1- INTRODUÇÃO

Da Revolta da Chibata — movimento negro executado por ex-escravos, agora marujos da marinha brasileira, que objetivava a manutenção dos salários baixíssimos, condições mais dignas de trabalho e acima de tudo o fim dos castigos físicos aplicados por oficiais brancos que ainda eram constantes, mesmos após a abolição da escravatura. — à Frente Negra Brasileira — grupo formado por negros que lutavam através de projetos e reinvindicações, pela inserção coletiva do negro na sociedade brasileira, dentre os feitos, merece destaque a criação de uma escola pública por e para negros, visto que naquela época não existia educação pública, muito menos para pessoas pretas. O movimento teve tanta relevância que culminou no primeiro partido político negro brasileiro.

De Benedito Meia-Légua — sujeito que caminhava por todos os cantos do nordeste brasileiro carregando um santo de São Benedito, líder do Quilombo que impôs terror a fazendeiros escravagistas, o qual contava estrategicamente com pequenos grupos criados para proteger a comunidade contra capturas e ataques, cujos líderes usavam as mesmas vestimentas de “meia-légua”, e quando ocorria a captura de algum deles, outro que estava vestido igualmente aparecia em uma nova rebelião, causando certa estranheza e medo na comunidade racista da época, bem como gerou a crença de que Benedito Meia-Légua era imortal—. A Zumbi dos Palmares — líder de um dos maiores e mais resistentes quilombos do Brasil, nunca concordou com os fraudulentos acordos de paz oferecidos pela Coroa Portuguesa, pensando sempre na proteção dos seus que estavam dentro da comunidade e dos que ainda eram cativos e que um dia poderiam juntar-se à ela. Não é à toa que Palmares resistiu a 27 guerras de destruição lançadas pelos portugueses e holandeses, e manteve sua existência durante um século: 1595-1695 (NASCIMENTO, 2019) —.

Os movimentos de resistência negra e seus representantes trazem esperança e luz, reafirmando por meio de “histórias que passam a queimar no coração de outros rebeldes” que “resistência é uma arte ancestral” (SANTOS, 2020) e o quão forte é o povo negro brasileiro.

A escravidão de africanos e a exportação dos negros como mercadorias pra diversos países fora da África nos remete a um dos períodos mais cruéis e

desumanos da história e sobreviver a um momento como esse exigiu uma força imensurável do povo negro. Foram quase 4 (quatro) séculos de tortura humana, onde sujeitos eram arrancados de suas próprias terras para serem transportados em condições precárias rumo a um lugar desconhecido, sendo tratados como animais, leiloados pelo “melhor preço”, sugados até sua última gota de energia em engenhos para enriquecer a outrem, castigados brutalmente sempre que possível, e exterminados caso não fossem mais úteis.

A historicidade escravagista constituída por brancos eliminou muitos registros que relatavam qual era a verdadeira posição do negro durante a escravidão, fazendo crer que os escravizados aceitavam a condição opressora a qual estavam sujeitos. No entanto, diversas narrativas recuperadas comprovam que esses sujeitos nunca foram passivos, mas sempre resistentes. GOMES (2019) afirma que ao contrário do que a história conta, essas pessoas: “tentavam encontrar novos significados e soluções para os novos desafios em que se encontravam, procurando proteção e maneiras de criar o seu próprio mundo e garantir integração social para si próprios e seus descendentes.”, a esse fenômeno damos o nome de resistência.

Dentre as inúmeras formas de resistência, uma das mais importantes para o povo negro, é a valorização das narrativas ancestrais. Histórias de reis e rainhas, guerreiros e guerreiras, lutas e vitórias do seu povo, são fontes de força e esperança para conseguir acreditar que dias melhores chegariam. SANTOS (2020) defende que “a relação dos negros com suas histórias era muito mais enraizada do que poderiam supor”, prova disso foi a constituição de uma biblioteca humana, composta por vários negros cativos que por meio da oralidade, contribuíram para a escrita e divulgação do livro que contariam suas vivências e serviriam de inspiração para outros irmãos. O símbolo de resistência e sobrevivência do povo Akan, Kwaku Ananse, uma entidade conhecida como “Homem-Aranha” que percorreu o mundo atrás de criaturas especiais, para sacrificá-las à outra entidade a fim de que as pessoas pudessem continuar contando suas histórias e a felicidade voltasse a pairar pelo mundo, assevera quanta riqueza guardam essas narrativas.

Resistir compreendia duas espécies principais que se dividiam em muitas formas, uma mais silenciosa, como o compartilhamento de conhecimentos ancestrais, crenças, rituais, etc, e outra mais aguerrida, na qual predominavam as fugas e os ataques. Conforme vai nos mostrar Zacimba Gaba, princesa da nação de

Cambinda, Angola, escravizada no Brasil, mais especificamente no Espírito Santo, que liderou invasões a navios negreiros para libertar outros escravizados, foi fonte de inspiração para muitos cativos que corajosamente juntavam-se a ela na luta pela liberdade dos seus (SANTOS, 2020, p. 62).

Seguindo a linhagem real, podemos passar a palavra para a rainha Tereza de Benguela e seu matriarcado no Quilombo do Piolho. Após o falecimento do marido José Piolho, tornou-se rainha e exerceu uma liderança incontestável. Durante o seu reinado, armas roubadas de brancos faziam parte do sistema de defesa da sua comunidade (ID, 2020, p. 67).

Foram quase quatrocentos anos utilizando dessas formas de resistência para conseguir existir, crendo na chegada da tão sonhada liberdade. No entanto, a assinatura da Lei Áurea não tornou os negros verdadeiramente livres, um mísero papel assinado por pura pressão internacional que a Coroa Portuguesa estava sofrendo à época, não impediu que muitas vidas negras continuassem sendo ceifadas, violentadas e hostilizadas, tampouco houve por parte do Estado brasileiro qualquer tentativa de incluir os ex-escravizados na sociedade.

É somente nos anos 2000, mais de um século após a abolição da escravatura no Brasil, com a realização da *Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância*, onde o Estado brasileiro se comprometeu internacionalmente a implementar políticas públicas efetivas no combate à discriminação racial e à desigualdade racial, que ações afirmativas começam a ser discutidas (DE PAULA, 2019, p. 15).

DE PAULA (2019) definiu que essas ações têm por objetivo a diminuição e erradicação das desigualdades que envolvem grupos discriminados historicamente. A lei 12.711/12 (alterada pela Lei 14.723/23) – Lei de Cotas - faz parte dessas tentativas de reparação histórica, é por meio dela que corpos autodeclarados negros ganharam direito à reserva de 50% (cinquenta por cento) das vagas ofertadas em universidades e concursos públicos.

O filme nacional *Medida provisória*, objeto de estudo do presente trabalho, é uma adaptação da peça teatral do autor baiano Aldri Anunciação, intitulada *“Namíbia, não!”*. Dirigida por Lázaro Ramos, chegou aos cinemas e às plataformas de streamming em meados do ano de 2022, período pós-pandêmico, com um

governo protofascista, negligente e racista que ensejava à população a executar os mesmos atos.

Medida Provisória é um filme que pertence a um movimento estético global denominado *afrofuturismo* — uma espécie de ficção especulativa ou ficção científica escrita por autores afrodiaspóricos e africanos, que abrange arte, cinema, literatura, música e pesquisas acadêmicas (YASZEK, 2013). Em outras palavras, a ficção científica deixa de ser voltada para um olhar eurofuturístico passando a ser agora afrofuturístico, caracterizando-se pela fundamental presença do protagonismo negro e autoria negra, trazendo narrativas carregadas de ancestralidade, vivenciadas em um futuro distópico, podendo este ser moldado ou não pelo uso da tecnologia. — que apresentou formas de resistência e existência negra no mundo moderno.

Na produção, há vozes importantes que dão representatividade às pessoas negras tanto na trilha sonora quanto em seu elenco, como a atriz Taís Araújo e os atores e cantores Seu Jorge e Emicida. O mote da narrativa é uma possível solução de reparação histórica para com as pessoas que foram vítimas do regime escravista e para as que sofreram subsequentemente com os resquícios deste, a população negra. Metaforizada através da campanha: “Resgate-se já”, a estratégia que seria supostamente proveitosa tanto para o governo, quanto para os negros objetivava uma só coisa: O retorno das pessoas de melanina acentuada, como são chamados os negros no filme, para a África.

A narrativa fílmica, apesar de ser ficção, evidencia que se a sociedade não trabalhar para a construção de um país menos racista e desigual, podem passar uma, duas, três décadas, ainda teremos os mesmos pensamentos do século XIX, em que o racismo científico e sua ideologia de higienização da nação predominavam.

Frantz Fanon, em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas (2008)* defende que a única saída para o negro conseguir existir é adaptando-se à sociedade na qual está inserido, tendo que se moldar de todas as maneiras possíveis, sendo obrigado mais uma vez a viver de modo a seguir o que a raça branca diz. Em contraste a isso, teremos o negro de *Medida Provisória* que verá na resistência a luz necessária para não só efetivar sua existência, mas especialmente mostrar que a raça branca já não pode mantê-los sob controle, dizendo o que podem ou não fazer, tampouco quais seriam os seus lugares no mundo.

Diante disso, o presente trabalho analisou diferentes formas de resistência e existência dos negros no filme nacional *Medida Provisória*, com foco em dois movimentos principais: a criação de afrobunkers (quilombos pós modernos) e o protagonismo negro na frente e por trás das câmeras.

O livro *Pele Negra, Máscaras Brancas (2008)* de Frantz Fanon, elencou os acervos utilizados na construção do embasamento teórico, em conjunto a outros que tratam de temáticas relacionadas à discussão racial e seus eixos interligados.

Para nos situarmos nas questões históricas, os livros *Escravidão Vol. 1 – Do Primeiro Leilão de cativo à em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares (2019)* de Laurentino Gomes, e *Palmares* (2005) de Flávio Gomes foram essenciais, ambientando-nos na árdua trajetória percorrida pelo povo negro, e para falar especificamente das formas de resistência, Ale Santos com seu livro *Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro* (2020) contribuiu majoritariamente para conhecermos algumas narrativas apagadas que nos mostram o quão forte o povo negro é.

2- AFROBUNKER: OS QUILOMBOS RESISTEM, MAS NÃO PARAM NO TEMPO

Figura 1: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: Capitu chega ao afrobunker e é cumprimentada na entrada do local por outro personagem negro, com um ato singelo de encostar os rostos.

O filme já se inicia discutindo medidas reparatórias aos negros pelos anos de opressão e sofrimento oriundos do período escravocrata. Após sucessivas tentativas pouco eficazes e não executadas na prática, surge, por parte de políticos brancos o decreto da Medida Provisória 1888, que determinava expressamente o cumprimento, por parte das pessoas de melanina acentuada, que regressassem à África. Inicialmente, o regresso aconteceria de maneira voluntária, em pouco tempo os negros começam a ser procurados em todos os lugares e capturados com o uso da força para obrigatoriamente serem deportadas para a África. Os protagonista dos filme são diretamente implicados nessa caçada. Capitu (apelido de Dra. Maria Carolina), vivida por Taís Araújo, é um dos personagens principais da obra fílmica, é uma médica negra, que acaba de descobrir uma gravidez ainda no início, que trabalha em um hospital particular. Durante um plantão, no qual realizava uma cirurgia na companhia de duas enfermeiras, foi surpreendida por agentes do governo (militares) que diziam estar “proibida a entrada de melaninas acentuadas naquele hospital”. Capitu consegue fugir para uma zona de mata e é durante esse movimento de fuga que a personagem acaba encontrando com o auxílio de outros negros, um *afro bunker* (figura 1).

Afro-Bunker é um termo usado para denominar quilombos pós-modernos, uma versão reeditada dos antigos Quilombos, fruto do processo de atualização e resgate de práticas do passado, que proporcionam seu fortalecimento (BISPO, 2022). O modelo apresentado na obra fílmica é uma espécie de Quilombo urbano, logo, é possível perceber que a localização do *Afrobunker,* encontra-se mais próxima dos centros urbanos e não somente em áreas afastadas nas regiões de grandes matas. A diferença é marcada pela reinvenção, a ótica negra causará uma ruptura no conceito de *Quilombo* ensinado nas escolas pela visão colonial, antes tidos apenas como locais onde escravos fugitivos abrigavam-se, agora são vistos como espaços de resistência, onde corpos negros podem ser protagonistas de sua própria história. A quebra com o passado é evidenciada por meio da fala do personagem negro protagonizado pelo cantor Emicida: “Quilombo é muito século XVIII” (MEDIDA PROVISÓRIA, 2022).

Abdias do Nascimento (2019) descreverá esses espaços como “genuínos focos de resistência física e cultural (...)”, na mesma oportunidade, argumentará que

os quilombos ou *afro-bunkers* são divididos em dois tipos: os “legais” que seriam uma “rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba e gafieiras”, e os considerados “ilegais”, aqueles cujo o Estado ainda não concedeu a titulação[1], ambas pertencendo ao que o autor denomina como *quilombismo.* Defenderá ainda que:

> (...) tanto os permitidos quanto os “ilegais” formam uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. (NASCIMENTO, 2019, p. 338).

Quilombo, *Afrobunker*, ou qualquer outra nomenclatura que um dia foi ou possa ser adotada, lutam pela única missão que é assegurar a condição humana das massas afro-brasileiras, há tantos séculos tratadas e definidas de forma humilhante e opressiva (NASCIMENTO, 2019).

No filme, é possível reconhecer esses territórios como espaços de resistência por meio de dois momentos. O primeiro, quando Capitu é resgatada e guiada até esse local, onde anteriormente fora utilizado de outras maneiras, como por exemplo, para ser depósito clandestino de uma escola de samba, que como vimos também é considerado um espaço de resistência negra. Agora como *Afro-bunker*, incorpora uma legítima e diversa comunidade, há pequenos espaços designados para o exercício da fé, alimentação, comércio, moradia, enfermaria, e uma pequena área onde alguns líderes se reúnem para discutir sobre questões de como prover mantimentos para a sobrevivência das pessoas que ali estão residindo. Ou seja, as cenas no *Afro-bunker* representam a construção de uma verdadeira comunidade organizada, democrática e que traz em seus espaços e em seu conceito as marcas de ancestralidade.

[1] Dados do Instituto Nacional de Colonização e reforma agrária – INCRA, apontam que no ano de 2023, foram expedidas 55 titulações totais e parciais de territórios quilombolas, ficando em aberto outros 1.850 processos de reconhecimento e titulação de terras.

Figura 2: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: Na companhia dos personagens negros que a resgataram, junto a outras duas personagens negras: uma criança e sua mãe, Capitu entra no afrobunker e consegue ter uma visão panorâmica de todas as áreas que o compõem: cozinha, enfermaria, lazer, religiosidade.

A estrutura econômica, administrativa e política do *Afrobunker* é muito semelhante a dos antigos quilombos, mas se difere na questão de como executar a subsistência de toda a comunidade. No período colonial, técnicas agrícolas trazidas do continente africano eram incrementadas em seu dia a dia, sem o sistema capitalista para extorquir até a última gota de suor de cada ser humano, pois o trabalho em sua amplitude era uma obrigação social e o resultado deste não seria para adquirir mais valia, mas para ser usufruído pela coletividade. No filme, por ter traços de um Quilombo urbano, pode-se supor que no *Afrobunker* é quase inexistente essa capacidade de tirar da terra os meios para o sustento, e no estado em que as massas negras encontram-se, com o racismo estrutural inalterado, haveria de se esperar o pior, abrindo espaço para duas possibilidades: 1) Os alimentos começam a ser estocados quando a proposta de voltar para a África é apresentada; e 2) A troca com outras redes de apoio ou outros Quilombos, estariam sendo efetivadas, a fim de prover o abastecimento de alimentos e outros materiais necessários.

O segundo momento, ocorre após a descoberta e a invasão de um homem branco ao local de resistência negra, culminando em uma reunião para que todos possam deliberar se o invasor deveria ser expulso ou poderia ficar. Evidencia-se por meio dessas cenas, uma característica essencial dos antigos quilombos, no filme atuais *afro-bunkers*, que é o protagonismo negro, visto que corpos negros não aparecem apenas como figuras inanimadas ou objetos passivos sem ação, mas como seres que têm lugar de fala e consequentemente poder na tomada de decisões em relação a estrutura e ao regimento da comunidade.

Figura 4: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: a descoberta e invasão do homem branco ao afrobunker.

Figura 3: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: Reunião no centro do afrobunker com todos os personagens para decidir se o homem branco que invadiu o Quilombo poderá ficar ou ir embora.

Assim como no caso de Palmares, quando da proposta de acordo dos colonos, Zumbi e outros *palmaristas* puderam se opor às condições que estavam sendo propostas, escolhendo sempre resistir. Por mais que Zumbi possuísse o título de líder, como em muitos quilombos, era toda a comunidade quem decidia o que seria melhor para o bem comum de todos.

3- MEDIDA PROVISÓRIA, DE LÁZARO RAMOS – PROTAGONISMO E DIREÇÃO NEGRA: NA FRENTE E POR TRÁS DAS CÂMERAS.

O genocídio das massas negras executado durante as viagens dos navios negreiros, no holocausto brasileiro que deu origem ao cemitério dos pretos novos, bem como o epistemicídio constante, mostrou o controle que estava nas mãos da raça branca, baseado numa espécie de antropocentrismo, reprisaram durante muito tempo um espetáculo onde somente o sujeito branco era o centro das ações, da expressão cultural, histórica e filosófica.

No cinema não foi diferente, em seus mais de 120 anos de existência, raras foram as vezes em que os holofotes estiveram postos sobre a imagem de um sujeito negro, no cinema brasileiro, quase inexistente na frente das câmeras, geralmente como coadjuvantes dando vida a escravizados ou serviçais. RODRIGUES (2011) nos apresenta alguns arquétipos ou papéis que regularmente eram interpretados por negros nas produções brasileiras: Pretos-velhos — bondosos, conformistas e sofredores, como vemos em *Sítio do Pica-Pau Amarelo (1977)*, de Geraldo Casé, com o Tio Barnabé e a Tia Anastácia; Mãe-preta — semelhante a de pretos-velhos, como *em Mãe (1860)*, de José de Alencar; Martir — escravos em posição de tortura, como em *O negrinho do Pastoreiro (1973), de* Antônio Augusto da Silva Fagundes; Negro de alma branca. Esse arquétipo se assemelha do discutido por Frantz Fanon, em *Pele Negra Máscaras Brancas (2008)*, que busca ascensão e status social entre os brancos, dá a impressão de ter completado um ciclo, de ter adquirido algo que lhe faltava (p.35), agora está (ou quer ser) integrado na sociedade branca, é tido como “traidor” por ter pensado em sua liberdade individual e ao final é excluído igualmente pela raça branca (ID, 2011, p.22), como é o caso do jornalista Jorge do filme *Compasso de espera (1973)*, de Antunes Filho; Negro revoltado, variante do nobre selvagem (ID, 2011, p. 23), é caracterizado como herói, com cenas de fugas após o

assassinato de um capataz que torturava um inocente, vide *Sinhá moça (1953)*, de Tom Payne; Negão — macho negro que permeia sonhos com estupros, é violento e possui desejos sexuais insaciáveis, apresentado no Marinheiro Amaro em *O Bom Crioulo (1895)*, de Adolfo Caminha; Favelado — honesto e trabalhador, sambista nas horas vagas, humilde e amedrontado frente às violências, autoridades, etc, confundido como marginal do tipo negão ou malandro, como vemos em *Rio, 40 graus (1956)*, e *Rio, Zona Norte (1957),* de Nelson Pereira dos Santos; e a aparição da mulher negra como musa, sem erotismo vulgar, pura, respeitável, doce e meiga, é raro na arte brasileira e geralmente possui autoria negra, é o caso do poema *Núbia*, do livro *Missal (1893)*, de Cruz e Souza.

A inversão dos roteiros acontece somente em meados dos anos 60, com Glauber Rocha e sua proposta de apresentar um cinema nunca visto antes, com enfoque nas críticas sociais, onde as realidades brasileiras seriam mostradas e grupos marginalizados pela sociedade ganhariam espaços, a esse novo movimento artístico-intelectual e político-cultural denominou-se Cinema Novo ou Cinemanovismo.

> O Cinema Novo procurava, sobretudo, uma independência cultural para o filme brasileiro. Isso não significava ter apenas temas nacionais, mas encontrar um cinema capaz de traduzir a realidade nacional com base em uma estética autenticamente brasileira. (FIGUEIRÔA, 2004, p.31).

Foi tido como uma inovação no campo cinematográfico, a partir daqui, teremos um diferencial no que tange a presença dos negros nas telas, não como coadjuvantes, mas como protagonistas de peças, filmes, novelas e etc. Destaca-se, a obra fílmica *Ganga Zumba (1963)*, de Cacá Diegues, com um elenco majoritariamente preto, um salto para a revolução.

No entanto, o cinemanovismo ainda possuía lacunas a serem preenchidas, conforme afirma a cineasta Viviane Ferreira (2016): “não dá para refletir movimentos cinematográficos sem pensar em quem são os agentes que o compõe, sobretudo quando este se propõe como um cinema político”. Ou seja, mesmo que houvesse uma reviravolta na questão de corpos negros como parte de um elenco, com assuntos negros, ainda era um cinema primordialmente constituído por uma perspectiva branca.

CARVALHO & DOMINGUES (2018, p. 389) defendem que “ao retratarem negros, eles estavam também retratando a si próprios e suas próprias projeções,

fantasias, alegorias e identificações.” e é esse o pontapé inicial necessário para pensarmos num movimento que abrangeria tanto protagonismo negro quanto direção negra: O Cinema Negro.

SOUZA (2013) conceitua o Cinema Negro como sendo um cinema produzido por negros, com temática negra. Isto é, haverá não tão somente assuntos negros, mas protagonismo negro, vivências e direção/autoria negra.

O filme nacional *Medida Provisória* (2022) contempla a estreia na direção cinematográfica de quem já tinha grande visibilidade no universo artístico. Ator, apresentador, escritor, e agora diretor, Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos (Lázaro Ramos) constrói uma ficção especulativa na qual o Brasil segue moldado pelo racismo estrutural, mesmo após mudanças significativas no contexto social da sociedade em relação a períodos anteriores.

É um Brasil pós-moderno, o uso das tecnologias tornou-se habitual, as redes sociais passaram a andar lado a lado na luta contra todas as formas de discriminação e opressão humana. Mas mesmo com tantas mudanças nas camadas sociais ainda insurgem ideias racistas de higienização do país por meio do envio dos negros para a África.

Inspirada e adaptada, o filme tem suas raízes na obra teatral *Namíbia, não! (2011)* do autor baiano Aldri Anunciação*,* que não ocasionalmente faz parte do elenco fílmico. Ao analisarmos os aspectos constitutivos da produção cinematográfica, perceberemos que o diretor do filme, realizou escolhas precisas e cumpre com os três mandamentos que o cineasta negro JEFERSON DE (2001) afirmou ser essencial para uma produção cinematográfica negra: (1) o filme tem de ser dirigido por realizador negro brasileiro; (2) o protagonista deve ser negro; (3) a temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira.

4- A DIREÇÃO NEGRA COMO DETENTORA DO OLHAR

Obedecendo aos critérios de Jeferson De (2001), a obra cinematográfica estudada possui como realizador um homem que se autodeclara negro e é brasileiro, Lázaro Ramos. É o detentor do olhar, conhece a cultura do povo negro e possui propriedade para falar dela e por ela, consequentemente para realizar uma produção cinematográfica sobre ela.

Ao fazer isso, ao dirigir um filme, Lázaro Ramos realiza um ato revolucionário, de resistência, de afirmar a sua existência, afinal, desde a criação do cinema, quantas foram as vezes em que uma pessoa negra pôde estar nessa posição prestigiada da indústria cinematográfica que é a de diretor? Estatisticamente falando, o *Boletim n.7 da Edição Especial de 10 anos do GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa)* realizou um levantamento, no qual era exposto as porcentagens de desigualdades entre diretores, escritores, roteiristas e personagens negros no cinema brasileiro em comparação aos brancos, onde evidenciou-se que ao final do ano de 2020, apenas 2% dos homens negros exerceram tarefas como diretores de cinema, com uma taxa menor (inexistente) para mulheres negras no ramo cinematográfico (CANDIDO, FLOR, FREITAS, 2020 apud CANDANDA, BORGES, OLIVEIRA, 2022).

Figura 6: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: cena final do filme, personalidades negras marcham numa rua do Rio de Janeiro, agora livres, fazendo uma analogia às marchas realizadas em manifestações em prol da luta antirracista e consciência negra.

Ao analisarmos a construção da narrativa, perceberemos que em todas as camadas da produção fílmica há a presença de personalidades negras, desde a trilha sonora — com os artistas Elza Soares, Emicida, Cartola, Rincon Sapiciência, Baco Exu do Blues, Liniker e entre outros — ao elenco — Taís Araújo, Alfred Enoch, Seu Jorge, Diva Guimarães, Aldri Anunciação e entre outros .

Figura 7: Frame do filme Medida Provisória, de Lázaro Ramos, 2022: cena final do filme, visão panorâmica de pelo menos 70% das personalidades negras que compõem a produção: atrizes, atores, e nessa parte especificamente a cantora Elza Soares na trilha sonora, com a música "O que se cala" (2018).

Agora no Cinema Negro, diferente do cinema industrial — que somente representava corpos negros de maneira estereotipada, de acordo com sua própria visão — está ocorrendo a efetivação das vivências negras: narrativas vividas pelas próprias massas negras que estão sendo protagonizadas por elas mesmas. É a adoção de uma postura contra-hegemônica que descontrói o poder de olhar, de sentir, de falar pelo outro, que sempre esteve nas mãos da raça colonizadora. O filme, ao priorizar a permanência da população negra em todas as suas esferas, dá visibilidade a atrizes, atores, cantores, produtores, diretores, roteiristas, negros, quebrando com o estigma racista de que apenas corpos brancos possuem capacidade de exercer tais papéis numa produção cinematográfica e em vários outros campos artísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escrita de um trabalho de conclusão de curso é árduo, o presente não seria diferente, visto que inicialmente só havia o desejo de estudar algo que estivesse voltado para a discussão racial e todo o processo histórico, de apagamento e de luta vivenciados por corpos negros, mas sem um objeto pré-definido.

Medida Provisória é uma produção cinematográfica que merece ser aclamada do jeito que está sendo, desde o seu lançamento em 2022, tanto pela construção da obra, quanto pelo marco que representa para a população negra. Neste, realizou-se a tentativa de trazer para a análise formas de resistência encontradas no filme, de

maneira a infiltrar-se em todas as camadas da obra, isto é, não limitando-se somente às cenas, mas envolvendo todo o revestimento do filme, tanto no que é mostrado na frente das câmeras quanto por trás delas, para que ao final fosse evidenciado de que maneira essas formas de resistência auxiliam na reafirmação da existência de povos negros no Brasil, por esse motivo, *afrobunkers* e protagonismo e direção negra elencaram as escolhas estudadas mais a fundo, para isso foi necessário visitar o passado, com a ajuda de Laurentino Gomes e Flávio Gomes para situar-se nos acontecimentos que permearam as massas negras desde os navios negreiros à escravidão no Brasil, conhecer as formas resistência utilizadas durante o período escravagista, na qual contou-se com o auxílio de Ale Santos, bem como transitar por teorias do cinema com Jeferson De.

A expectativa da pesquisa envolvia a análise de outras cenas que transparecem a força e resistência dos personagens do filme, contudo, momentaneamente deu-se preferência para os *afrobunkers* e protagonismo e direção negra. Importa destacar que além dessas cenas, o filme possui referências espalhadas por todo o seu contexto, como por exemplo personalidades negras que lutaram pelos direitos dos negros, bem como eventos históricos que aconteceram no passado e que flertam com o tempo que perpassa a narrativa do filme.

A escrita foi difícil, mas prazerosa, oportunidade de descobrimento e redescobrimento. Conhecer a vivências, as lutas, a cultura e a historicidade por completo dos povos negros foi intelectualmente e humanamente enriquecedor. Durante esse período, verificou-se uma lacuna grande que evidencia como o racismo estrutural segue firme na sociedade, principalmente no sistema educacional que pouco trabalha para cumprir com a Lei 10.639/2003, sem contar histórias e impulsionar o conhecimento da cultura afro, fazendo com que as vivências dessas pessoas sigam desconhecidas e sendo escutado apenas um lado da história dos acontecimentos que envolveram a construção do nosso país, digo por experiência própria que durante a formação no ensino básico, era quase inexistente estudos que permeavam o detalhamento dessas narrativas, ensina-se como ser socialmente qualificado, mas não como viver em sociedade, atentando que não existe sociedade sem o respeito à vida, a existência e a humanidade do outro.

REFERÊNCIAS

CANDANDA, D. D. do Nascimento; BORGES, R.C. da Silva; OLIVEIRA, S.S.R. “Cinema Negro Brasileiro”: Histórias, Conceito e Panorama de um Movimento Cinematográfico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as** (ABPN), v. 14, n. Ed. Especial, p.279-300, 2022.

CANDIDO, Marcia Rangel, FLOR, Juliana Flor, FREITAS, Jefferson Belarmino de. **Raça e Gênero no Cinema Brasileiro - Desigualdades entre diretores(as), roteiristas e personagens de filmes nacionais de grande público**. Boletim, Rio de Janeiro, n .7 (Ed.Especial – 10 anos), 2020.

DE, Jeferson (org.). **Dogma Feijoada** – o Cinema Negro Brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Dogma Feijoada**: a invenção do cinema negro brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 96, 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FERREIRA, Viviane**. Cinema Novo e Cinema Negro**: da estética da fome à estética do faminto, 2016. Disponível em <http://nobrasil.co/cinema-novo-e-cinema-negro-da-estetica-da-fomeestetica-do-faminto/>. Acesso em 06/02/2024.

FIGUEIRÔA, Alexandre (2004). **Cinema Novo**: a onda do jovem cinema e sua recepção na França. Campinas, SP: Papirus.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e reforma agrária. Acompanhamento de processos de regularização quilombola e relação de processos de territórios quilombolas em aberto Brasília: INCRA, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas.

MEDIDA provisória. Direção: Lázaro Ramos. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2022. (143 min.). Disponível em https://globoplay.globo.com/medida-provisoria/t/FrtkdsBtzB/. Acesso em: 04/12/2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**/Abdias do Nascimento. 2ª edição Brasília/Rio de Janeiro/OR Editor Produtor, 2002.

RODRIGUES, João Carlos. **O Negro Brasileiro e o Cinema** 3°ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, Ale. **Rastros de resistência**: histórias de luta e liberdade do povo negro. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2020.

SOUZA, E.P.D. **Cinema na panela de barro**: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade. Brasília. 2013. 260 p. Tese (Doutorado em Educação, Tecnologias e Comunicação). Universidade de Brasília-UNB.